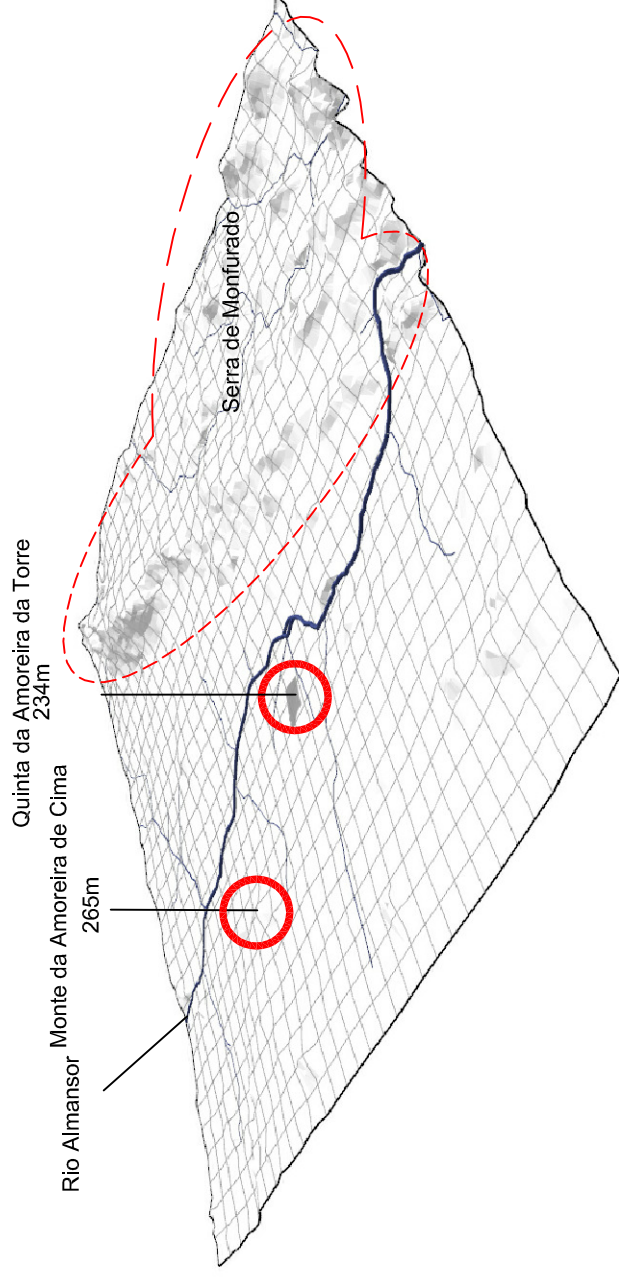


Diagrama esquemático da paisagem envolvente à Herdade da Amoreira da Torre e da Herdade da Amoreira de Cima | 2007 (s/ escala)  
Base cartográfica: Carta Uso do Solo (2007)

As duas herdades desenvolvem-se na planície, numa topografia ligeiramente ondulada, numa zona baixa onde a inclinação suave que caracteriza a margem direita do rio Almansor é quase impercetível. Aquele elemento morfológico, delimita as duas herdades a sul e assume-se na planície pela clareza e consistência da sua galeria ripícola.



Axonometria a NE | referências | exposição solar | s/escala (malha 200m x 200m)  
Base cartográfica: Carta Militar de Portugal, Esc. 1:25 000, Folha 447, Instituto Geográfico do Exército, 1994

Para sul, a profundidade do olhar cruza-se com a Serra de Montfurado. É muito evidente o enrugar da paisagem em direção a aquele elemento morfológico. Associado a essa variação brusca sobre o plano de superfície surge a mudança dos usos do solo. Fixa-se o montado em diferentes densidades e composições. A plantação da vinha prolonga por vezes, a sua presença até ao terço médio da encosta.

A área que dominamos visualmente entre o monte e a serra é atravessada longitudinalmente pelo trajeto da A6. A proximidade daquela infraestrutura relativamente ao nosso objeto de estudo, e porque se desenvolve sobranceira a ele, põe-no em evidência. Percorrendo aquele trajeto, não se ficando indiferentes à singularidade da torre senhorial que tão bem se destaca ao olhar.

A atividade agrícola policultural assume ainda hoje um peso considerável na definição da grafia da paisagem. Costa (1868) em 1821 registou acerca de Montemor-o-Novo que se trata de “*um lugar eminente, sadio e fresquíssimo...banhado da Ribeira de Canha, que a provê de peixe e fertiliza seus campos de muito pão, azeite e vinho pastando nelles mais de quarenta mil cabeças de gado: tem muitas hortas e pomares de gostosas frutas...*” (pp. 431). Silbert (1978, pp. 701) atesta que essa “riqueza” da terra é motivo de orgulho demonstrado pelos habitantes. Nesta paisagem a cultura cerealífera não vingou.

No perímetro da herdade da **Amoreira da Torre** surge a cultura de regadio pela introdução de pivots de rega. A sua presença introduz alterações visuais fortes no conjunto da paisagem pelo contraste e dimensão da mancha com que assinala a sua presença.

O restante mosaico da paisagem revela a fecundidade do solo e mantém a diversidade testemunhada pelas *Memórias Paroquiais (1875)*: “*a cultura dos pomares, que parece estar formáda sobre muitos máres doces esta villa, e seu termo; contudo cortão, e fertilizão os seus dilatados Campos; por cuja cauza são fecundísimos de pão, azeite, vinho, cassas, e pástos que sustentão cada annomais de quarenta mil cabessas de toda a sorte de gádos, e estes sustentando a terra de leite equejos com tanta abundancia que não há necessidade que venham de outra parte e se vem se desprezão por não serem tão excellentes na bondade da massa.*” Comparativamente, e segundo os dados dos Recenseamentos Geral da população para os anos de 1911, 1940 e 1993, o Monte da Amoreira da Torre contava sempre com mais fogos e população residente do que o da Amoreira de Cima.

Apesar de geograficamente estas duas herdades se apresentarem contíguas, são evidentes as diferenças na estrutura e organização espacial entre os montes da **Amoreira da Torre** e da **Amoreira de Cima**. A primeira, “*uma grandiosa quinta chamáda da Amoreira que he dos Excelentísimos Condes de Santa Cruz, e Alcaídes mores desta villa*” resulta da colaboração entre o homem e a paisagem desde há muito. É uma composição exuberante pelo testemunho histórico, até pelas arquiteturas que somatizam estilos construtivos, mas acima de tudo pela forma como se encaixa na paisagem. O Monte destaca-se da sua envolvente pelo conjunto da Quinta, pela volumetria e densidade do maciço arbóreo que completa o conjunto e enquadra a Torre solarenga.